

INFLUÊNCIA DA VARIANTE T92A DA DIO2 NO TRATAMENTO DO HIPOTIREOIDISMO

BRUNO NETTO; ERIKA LAURINI DE SOUZA MEYER; LENARA GOLBERT; MÁRCIA PUNÁLES; LUIZ HENRIQUE CANANI; ANA LUIZA SILVA MAIA

Cerca de 80% do hormônio tireoideiano ativo (T3) é derivado da desidodação periférica do pró-hormônio (T4) através da ação das enzimas celulares iodotironina desidodase tipo I (D1) e tipo II (D2). Recentemente, uma variante no gene que codifica a enzima D2, com troca de treonina por alanina no nucleotídeo 92 (D2 T92A), foi associada à resistência insulínica em mulheres obesas e pacientes com diabetes tipo 2. Adicionalmente, dados obtidos no nosso laboratório demonstraram que indivíduos homocigotos para o polimorfismo da D2 (AA) apresentam redução da atividade enzimática quando comparados a indivíduos heterocigotos AT e homocigotos TT. O objetivo do estudo é avaliar a influência da variante T92A da enzima D2 nas necessidades diárias de L-tiroxina em pacientes com hipotireoidismo pós tireoidectomia total em uso de terapia de reposição. Foram avaliados 30 pacientes (média de idade de $49,8 \pm 17,4$ anos, 76,6% mulheres) provenientes do Ambulatório de Endocrinologia do HCPA em uso de L-tiroxina por, no mínimo, 6 meses. Dados clínicos foram obtidos através de protocolo padrão, e amostras de sangue periférico foram coletadas para determinação do genótipo e dosagens hormonais (TSH, T4 e T4 Livre). A frequência do alelo T foi 0,7, e do alelo A, de 0,3, sendo que a população está em equilíbrio de Hardy Weinberg. Dezesesseis (53,3%) indivíduos apresentavam homocigose para o alelo T, 10 (33,3%) eram heterocigotos AT, e 4 (13,3%), homocigotos para o alelo A. A média dos níveis de TSH prévios foi de 4,09 μ UI/ml. Não observamos diferenças na dose média de L-tiroxina diária entre os diferentes genótipos (AT 1,50 mcg/kg, AA 1,59mcg/kg e TT 1,60 mcg/kg, PANOVA = 0,768). Conclusão: o polimorfismo D2 T92A não está associado à necessidade de maiores doses de reposição da L-tiroxina em pacientes com hipotireoidismo.

EFEITO DA RETIRADA DAS DROGAS INIBIDORAS DA ENZIMA CONVERSORA DA ANGIOTENSINA (IECA) SOBRE A FUNÇÃO RENAL EM PACIENTES COM DIABETE MELITO TIPO 2 COM E SEM NEFROPATIA DIABÉTICA

LÍVIA ZART BONILHA; GABRIELA SEEGER; RENATA FARINON; TIAGO SCHUCH; ALICE NUNES; JORGE LUIZ GROSS, MIRELA JOBIM DE AZEVEDO; THEMIS ZELMANOVITZ

Introdução: O benefício das iECA sobre a nefropatia diabética é inequívoco, mas não está claro o quanto esse benefício se mantém após a suspensão destas drogas. No caso da redução da excreção urinária de albumina (EUA) ser perdida após a suspensão, não é conhecido o tempo necessário para esta voltar aos valores basais. Objetivos: Este ensaio clínico randomizado e controlado visa avaliar o efeito da retirada do iECA, utilizado por pelo menos 1 ano, sobre a EUA de pacientes com DM tipo 2. Métodos: Após o período de run-in [avaliação clínica, laboratorial e controle da pressão arterial (alvo <130/80mmHg)], os pacientes foram randomizados para suspensão do iECA (substituição por verapamil, atenolol e/ou hidralazina) ou grupo controle. A pressão arterial e EUA foram avaliadas após 2, 4 e 8 semanas. Resultados: Foram avaliados 48 pacientes, 25 no grupo de suspensão do iECA [20 normoalbuminúricos (EUA <30 mg/24h) e 5 microalbuminúricos (EUA 30-299 mg/24h)] e 23 no grupo controle (18 normo- e 5 microalbuminúricos). No grupo de suspensão do iECA, quando analisados apenas os pacientes microalbuminúricos, observou-se aumento da EUA após 4 [97 (38-557) mg/24h] e 8 semanas [199 (46-871) mg/24h], quando comparadas com os valores basais [49 (31-170) mg/24h; ANOVA de Friedman $p=0,04$]. Nesse subgrupo observou-se um incremento da EUA de 23%, 99% e 89% após 2, 4 e 8 semanas de suspensão do iECA, respectivamente. Não houve aumento da EUA nos pacientes normoalbuminúricos que suspenderam o iECA, assim como não houve diferença na EUA no grupo controle ao longo do estudo. Durante o estudo o controle glicêmico e pressórico se mantiveram estáveis. Conclusões: Estes resultados sugerem que são necessários pelo menos 30 dias de suspensão dos iECA para adequada avaliação da EUA na faixa de microalbuminúria de pacientes com DM tipo 2 sob tratamento prolongado com esse medicamento.

RELAÇÃO ENTRE OS COMPONENTES DA SÍNDROME METABÓLICA E A TAXA DE FILTRAÇÃO GLOMERULAR EM PACIENTES COM DIABETE MELITO TIPO 2

MILENE MOEHLECKE; CRISTIANE BAUERMANN LEITÃO; CÉLIA NICKEL; TICIANA COSTA RODRIGUES; SANDRA PINHO SILVEIRO; JORGE LUIZ GROSS; LUIZ HENRIQUE CANANI

Introdução: A síndrome metabólica (SM) refere-se à associação de fatores de risco cardiovasculares, estando associada a aumento de mortalidade. A associação entre a presença da SM e diminuição da taxa de filtração glomerular (TFG) em pacientes com diabetes melito (DM) tipo 2 ainda foi pouco avaliada e poderia explicar, em parte, os piores desfechos clínicos apresentados por estes pacientes. Objetivo: Avaliar a TFG de pacientes com diagnóstico de DM tipo 2 com e sem critérios para SM e se cada um dos componentes isolados da SM interfere na estimativa da TFG destes pacientes. Metodologia: Estudo transversal com 653 pacientes com DM tipo 2, sendo 265 (40,58%) homens, com idade média de $58,2 \pm 10,1$ anos. Os pacientes foram submetidos à avaliação clínica e laboratorial, incluindo a TFG estimada através da fórmula Modified Diet in Renal Disease (MDRD) Study. A definição de SM foi baseada nos critérios do National Cholesterol Education Program Adult Treatment Panel III. Os pacientes foram agrupados de acordo com o número de componentes da SM presentes: dois, três ou quatro componentes (grupos 2, 3, 4 ou 5 respectivamente). Os pacientes com apenas DM tipo 2 e nenhum dos demais achados da SM foram classificados como grupo 1. Resultados: Os pacientes com SM apresentaram TFG de $81,8 \pm 29,6$, comparados com os pacientes sem SM com TFG de $93,8 \pm 31,7$ ml/min/1,73 m² ($P<0,001$). Observou-se uma progressiva diminuição na TFG conforme o acúmulo no número de componentes da SM, um componente: $103,4 \pm 22,9$; dois: $92,3 \pm 32,6$; três: $85,0 \pm 28,3$; quatro: $82,5 \pm 31,8$ e cinco: $77,1 \pm 27,7$ ml/min/1,72 m² ($P < 0,001$). Conclusões: Pacientes com DM tipo 2 e SM apresentam menor TFG que os sem SM. A queda da TFG é proporcionalmente maior de acordo com a progressão do número de componentes da SM.

OS NÍVEIS DE ENDOTELINA ESTÃO ASSOCIADOS À COMPOSIÇÃO DOS ÁCIDOS GRAXOS SÉRICOS EM LIPÍDEOS TOTAIS EM PACIENTES COM DIABETES TIPO 2.

JOANA DIEHL KLEIN; JOANA DE LIMA BORGHETTI, MAGDA SUSANA PERASSOLO, JUSSARA CARNEVALE DE ALMEIDA, THAIS STEMBURGO, VALESCA D'ALBA, MIRIAM BITTENCOURT MORAES, THEMIS ZELMANOVITZ, MIRELA JOBIM DE AZEVEDO E JORGE LUIZ GROSS.

Demonstramos que pacientes com DM tipo 2 (DM2) microalbuminúricos apresentam alterações na composição dos ácidos graxos (AG) séricos. O perfil de AG séricos relaciona-se a estados de disfunção endotelial e inflamação crônica, como a que ocorre na

microalbuminúria. O objetivo deste trabalho foi analisar a possível associação de disfunção endotelial e inflamação crônica com a composição de AG séricos em pacientes com DM2 microalbuminúricos. Foi realizado um estudo transversal com 73 pacientes DM2 atendidos no ambulatório de Endocrinologia do HCPA (36 homens; 58,5±10,9 anos): 50 normoalbuminúricos (excreção urinária de albumina - EUA1C = 7,19±1,35%), sem uso de hipolipemiantes e com colesterol total=197±46mg/dl, LDL=124±39mg/dl, triglicérides=141±73mg/dl e HDL=49±11mg/dl. Foram analisados: composição dos AG nos lipídios totais (% do total AG; cromatografia gasosa), endotelina-1 (ET-1; ELISA), proteína C reativa (PCR; nefelometria), fibrinogênio (imunoturbidimetria) e EUA (imunoturbidimetria). PCR e fibrinogênio não se correlacionaram com AG e EUA. A ET-1 apresentou uma correlação positiva com os AG saturados (AGS; r=0,312; P=0,01) e AG monoinsaturados (AGM; r=0,256; P=0,036) e uma correlação negativa com os AG poliinsaturados totais (AGP, r=-0,404; P=0,001) e com os AGP n-6 (r=-0,416; P2= 0,258; P= 0,001) e AGP n-6 (R2= 0,258; P= 0,002) foram associados aos valores de ET-1 em diferentes análises de regressão linear múltipla. O índice HOMA e a pressão arterial sistólica (PAS) foram excluídos do modelo. Os AGS, o índice HOMA e a PAS contribuem com cerca de 30% da variabilidade dos níveis de ET-1 (R2= 0,290; P= 0,001). Em conclusão, cerca de 25% da variabilidade dos valores séricos de ET-1 pode ser atribuída às concentrações séricas dos AG polinsaturados, em especial aos da classe n-6.

PREVALÊNCIA DE ANABOLIZANTES NAS ACADEMIAS DE PORTO ALEGRE

PAULO RODRIGO PEDROSO DA SILVA; VANDRÉ FIGUEIREDO; LEONEL MACHADO JR; ALEX CIOFFI; MARCIUS PRESTES; MAURO ANTONIO CZEPIELEWSKI

Introdução Diferentes pesquisas tem sido realizadas no Brasil, com diversidade nos resultados e nas estratégias de pesquisa. Oferecem informações escassas e pouco objetivas da prevalência do abuso de substâncias na estética e no desempenho. Objetivo Determinar a prevalência do uso de esteróides anabólicos androgênicos (EAA), outros hormônios (OH), outros medicamentos (OM) e outras substâncias (OS) (suplementos alimentares e drogas ilícitas) em praticantes de musculação de Porto Alegre. Materiais e Métodos A coleta foi obtida através de um protocolo de entrevistas em uma amostra aleatória de 288 indivíduos sorteados em 13 academias de Porto Alegre. Resultados A prevalência observada foi de 11,1% (32/288) para EAA, 5,2% (16/288) para OH e 4,2 % (12/288) para OM, para drogas ilícitas 39,2% (113/288) e suplementos alimentares 36,9% (106/288). Os EAA mais usados foram decanato de nandrolona e estanozolol. Os OH foram beta 2 agonistas e as triiodotironina e OM como lipostabil, diuréticos e medicamentos veterinários (Ex: Monovin E). As OS mais usadas foram a maconha e a creatina. Os efeitos colaterais mais frequentes foram comportamentais (variação de humor, irritabilidade e agressividade) e endócrinos (acne e aumento/diminuição da libido). Quando analisados os EAA juntamente aos OH na variável denominada "agentes hormonais" (AH), observamos diferença estatística (p< 0,05) entre os sexos sendo o uso de AH era maior nos homens e entre os consumidores de suplementos alimentares. Conclusão A alta prevalência observada sugere a necessidade de medidas preventivas, educativas e de cuidados assistenciais. Para que futuramente esta população de frequentadores das academias, somente esteja exposta aos benefícios do exercício físico.

ASSOCIAÇÕES DE RISCO ENTRE O USO DE ANABOLIZANTES E OUTRAS SUBSTÂNCIAS NAS ACADEMIAS DE PORTO ALEGRE.

PAULO RODRIGO PEDROSO DA SILVA; ALEX CIOFFI; MARCIUS PRESTES; LEONEL MACHADO JR; VANDRÉ FIGUEIREDO; MAURO ANTONIO CZEPIELEWSKI

Introdução- Estudo realizado em Porto Alegre em praticantes de musculação no ano de 2004, demonstrou, alta prevalência observada entre praticantes de musculação, onde, 11,1% já havia usado anabolizantes, 4,2% outros hormônios, drogas ilícitas 39,2% e suplementos alimentares 36,9% e estimulantes 22,6%. Objetivo-Determinar através de estudo transversal a associação entre Agentes Hormonais (AH) e, o consumo de suplementos alimentares, vitaminas e minerais, drogas ilícitas e estimulantes, por praticantes de musculação de Porto Alegre. Materiais e Métodos- Através dos dados observados em estudo transversal, foi realizada uma estimativa de associação de risco das chances (OR) entre a variável, denominada, Agentes Hormonais (AH) que uniu o uso de anabolizantes a outros hormônios (ex.beta 2 agonistas, triiodotiroinas e gonadotrofina coriônica humana), comparando-a, à outras variáveis, como, suplementos alimentares, drogas ilícitas, e estimulantes. Resultados- Foi apresentada uma associação de risco aumentando as chances (OR) de consumir AH, para os usuários atuais ou passados de drogas de 3,10 vezes (IC 95%; OR: 1,45-6,60), de suplementos alimentares, vitaminas e minerais, 6,45 vezes (IC 95% OR: 1,90-22,00) e estimulantes 2,54 vezes (IC 95% OR:1,20-5,37). Os usuários destas substâncias apresentaram mais chance de consumir AH que os não usuários. Conclusão- Acerca dos achados deste estudo podemos concluir que são maiores as chances de consumo de AH entre usuários de suplementos alimentares, drogas ilícitas e estimulantes. Sugere-se controle mais rigoroso sobre o comércio de suplementos e estimulantes e, também, campanhas sanitárias e educativas, efetivas, como meio de redução do consumo de drogas e outras substâncias pouco seguras a saúde a população dos jovens.

VOLUME DA TIREÓIDE EM MULHERES GESTANTES DE PORTO ALEGRE: INFLUÊNCIA DE HISTÓRIA FAMILIAR DE DOENÇAS DA TIREÓIDE

ROSANE SOARES; VANACOR, ROBERTA; MANICA, DENISE; B. DORNELES, LUCIANO; LENHARDT, SANDRA CRISTINA; L. RESENDE, VINICIUS; P.A.FURTADO, ALVARO; WEBER FURLANETTO, TANIA ; MANICA, DENISE; B. DORNELES, LUCIANO; LENHARDT, SANDRA CRISTINA; L. RESENDE, VINICIUS; P.A.FURTADO, ALVARO; WEBER FURLANETTO, TANIA

Objetivo: Avaliar o volume da Tireóide (VT) durante a gravidez e seus fatores associados. Material e Método: Estudo transversal realizado em Porto Alegre com 147 mulheres gestantes saudáveis sem história de doenças da Tireóide e com mais de 21ª semana de gestação, sendo que 55 destas realizaram ecografia da tireóide. Foi feita a análise da idade, idade gestacional (IDG), Índice de massa corporal (IMC), História da família de doença da tireóide (HFDT), hábito de fumar, tempo de uso de anticoncepcional via oral (TPACO) precedente e paridade; dosagem dos níveis séricos de TSH, T4 livre, tireoglobulina (Tg); dosagem da concentração de lodo urinário (IU) e medidas ecográficas do VT. Resultados: Não foi encontrada nenhuma correlação entre VT (média= 8,7±4,2 mL) e idade (média= 26,8±6,4 anos), altura (média = 161,2±6,1 cm), peso (média = 71,0±12,5 kg), IDG (mediana= 32; P25= 27; P75= 36 semanas), paridade (média= 1,9±1,4 gestações), TPACO (mediana= 48 ; P25= 12; P75= 96 meses), IU (média= 22,6±8,7 µg/dL), Tg (média= 26,3±39,2 ng/mL), TSH (média= 2,2±1,1 µU/mL) e T4 livre (1,0±0,13ng/dL). Das 55 mulheres, que realizaram ecografia da tireóide, 11 tinham HFDT, nessas o VT (11,3±4,6 mL), foi maior (p= 0,009), quando comparado ao VT das mulheres